

DOCÊNCIA E MATERNIDADE: uma análise da precarização do trabalho e da vida de professoras do ensino superior em tempos de pandemia.

Irinéia Raquel Vieira¹

Violeta Maria de Siqueira Holanda²

RESUMO

A pandemia do covid-19 mudou o cenário de vida dos sujeitos, alterando aspectos econômicos, culturais e sociais, em especial para as mulheres. Nesse sentido esse artigo discute acerca do trabalho docente de mães inseridas em instituições de ensino superior em Fortaleza. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório em que utilizamos o recurso bibliográfico e aplicação de questionários com docentes trabalhadoras de universidades privadas. Detectamos que a pandemia agravou questões já existentes na relação trabalho docente e maternidades, em que apontamos para a fragilidade do espaço acadêmico no que se refere a atender as demandas específicas das mulheres mães e do aumento expressivo da precarização do trabalho na conjuntura pandêmica associada ao trabalho home-office, que não dissocia a esfera pública da privada, trazendo agravamentos para essas mulheres de ordem psicológica e social.

PALAVRAS CHAVES: Covid-19; Docência; Trabalho acadêmico; Mulheres; Maternidades

1. INTRODUÇÃO

A pandemia do covid-19 arrancou do cotidiano das pessoas, em golpes inesperados, diversos rebatimentos, pontuando novas formas de se relacionar e intervir na sociedade, pautando comportamentos, formas de trabalho e de sociabilidade de maneira geral. Nessa conjuntura ocorre a efervescência do agravamento e surgimento de novas expressões da questão social. Consideramos a questão social como “conjunto das expressões das desigualdades sociais” (Iamamoto, 2001, p,16) desigualdades próprias do sistema capitalista.

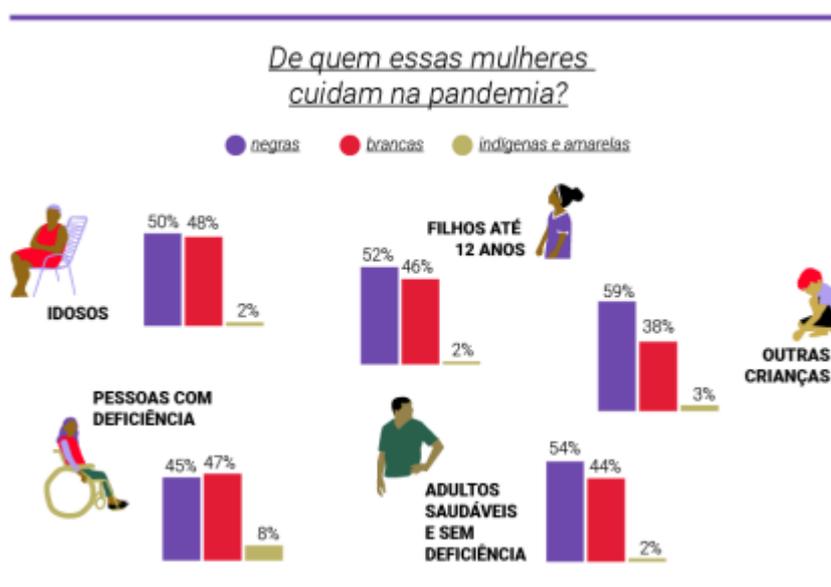
¹ Discente do curso de especialização gênero, diversidade e direitos humanos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB – Polo Redenção. Mestre em Serviço Social, Trabalho e Questão Social pela Universidade Estadual do Ceará.

² Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Pós-doutorado no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina

Nos chama atenção em especial os impactos dessa nova realidade na vida das mulheres mães trabalhadoras do ensino superior. Isso porque, segundo pesquisa realizada pela SOF (doravante, Sempreviva Organização Feminista) e pelo Gênero e Número, “50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém durante a pandemia”, chegando a 62%, quando se trata de mulheres da zona rural. (2020, p. 11). Num cenário em que 71% das mulheres afirmaram que aumentou a necessidade de monitoramento de crianças e idosos (considerando as variações por etnia), 41% permaneceram trabalhando com a manutenção de seus salários. A inserção da mulher no mercado de trabalho de forma geral já ocorre de forma desigual, visto que somos nós que temos que lidar com duplas e até mesmo triplas jornadas de trabalho. Quando acrescentamos a maternidade nesse cenário, as dificuldades postas pelo mercado tendem a aumentar.

Entre as mulheres que passaram a cuidar de outrem durante o período da pandemia, a pesquisa aponta que “80,6% passaram a cuidar de familiares, 24% de amigos/as e 11% de vizinhos” (2020, p. 32). Ver imagem a seguir.

Figura 1 – Descrição dos sujeitos das cenas de cuidados do cotidiano de mulheres em isolamento social em decorrência da pandemia



As mulheres docentes mães tiveram que lidar com o aumento da carga de trabalho doméstico, necessitando manter o ritmo de produção acadêmica, mesmo com realização de atividades acadêmicas concomitantes às de cuidado. Apesar do tema “cuidado” ter sido discutido, pouca visibilidade foi dada à responsabilidade do Estado quanto aos cuidados que foram delegados às mulheres, sem, dentre outros temas, o

aprofundamento da discussão da necessidade de divisão sexual do trabalho doméstico durante a pandemia.

De acordo com pesquisa realizada:

Após 24 meses, quase metade das mulheres que tiram licença-maternidade está fora do mercado de trabalho, um padrão que se perpetua inclusive 47 meses após a licença. A maior parte das saídas do mercado de trabalho se dá sem justa causa e por iniciativa do empregador. (MACHADO, 2016, P.1)

Nesse sentido, destaca-se uma cruel realidade que não considera as especificidades da maternidade e como essa, por muitas vezes, não é possível de relacionar-se com o trabalho externo, por questões que o sistema não adapta suas especificidades a essa realidade e a tendência é descartar as mães do mercado de trabalho. Ainda destaca-se o modelo hegemônico de maternidade que responsabiliza, exclusivamente, as mulheres pelos cuidados das/dos filhas e filhos, ao passo que os homens são privilegiados por um padrão de paternidade que os desobriga dessas responsabilidades.

Vimos o uso do ensino remoto, cada vez mais ampliado, como uma estratégia para amenizar os danos causados pela interrupção das aulas presenciais, nesse cenário temos a esfera pública invadindo a esfera privada e trazendo novas demandas, desafios e formas de precarização para os trabalhadores de maneira geral, em especial as professoras mães.

Para Santos (2021):

Com a inserção da pandemia pelo COVID-19, encontram-se mães excepcionalmente atarefadas, na medida em que realizam o trabalho remoto em casa, encarregando-se das atividades domésticas e suprindo as necessidades dos filhos, que estão em tempo contínuo na residência. A redução de interação social expande o grau de estresse, ocorre uma disfunção no padrão do sono e aumenta os níveis de cortisol na corrente sanguínea. Em decorrência disso, emergiram efeitos negativos na saúde da população, tais como: ansiedade, medo, irritabilidade, alteração de apetite, dentre outros. (p. 1)

Nesse sentido, essa pesquisa tem como proposta de tema a análise do trabalho docente de mulheres mães, inseridas em instituições de ensino superior, durante pandemia do Covid- 19. Considerando que o ambiente da academia tem um direcionamento para os homens, pois historicamente teve uma presença masculina superior à feminina, e que somente nos últimos anos o número de docentes e

discentes mulheres tem se expressado numericamente, as raízes de uma estrutura patriarcal que não incorporam verdadeiramente as demandas das mulheres, dentre elas a maternidade, permanecem.

De acordo com o levantamento, 57% dos estudantes matriculados em instituições de ensino superior são mulheres. Nos cursos de licenciatura, por exemplo, elas ocupam 71,3% das vagas. Nos cursos de bacharelado, esse número é de 54,9%; e nos da área de Saúde e Bem-Estar, elas são 72,1% dos estudantes. (Peduzzi, 2021, p.1)

Esse cenário de desigualdade de gênero dentro das universidades fica expresso quando observamos os dados de publicações e citações, onde “apenas 30% das estudantes que ingressam na universidade escolhem carreiras relacionadas ao STEM – sigla em inglês para ciência, tecnologia, engenharia e matemática”. A desigualdade de gênero em pesquisas é evidente “entre os países de origem e em áreas temáticas em termos de resultados de publicações, citações, bolsas concedidas e colaborações”. Ainda destaca-se a inferioridade numérica de publicações internacionais de pesquisadoras mulheres em relação a homens. (Said, 2021, p.1)

No que se refere à questão de gênero, raça e pandemia do covid-19, Said (2021, p. 1), nos alerta que: “Um levantamento do Parent In Science mostrou que a pandemia de covid-19 afeta mais a produtividade acadêmica de mulheres negras (com ou sem filhos) e mulheres brancas com filhos (principalmente com idade até 12 anos)”.

Diante do contexto apresentado, esse artigo tem como proposta analisar o trabalho de professoras mães inseridas em Instituição de ensino superior privada de Fortaleza durante a pandemia de covid-19. Além do objetivo geral temos como objetivos específicos: destacar o perfil das professoras mães inseridas em Instituição de ensino superior privada de Fortaleza; Refletir sobre os impactos da maternidade no trabalho das professoras dessas mulheres; e conhecer os desafios encontrados pelas docentes mães nesses espaços na atual conjuntura.

A aproximação com a temática ocorreu de forma natural, pois sou professora em uma instituição de ensino superior na cidade de Fortaleza e durante a pandemia de covid 19, me tornei mãe, além de conviver com minhas colegas professoras e mães e estar conectada com os desafios que as mesmas passaram durante o cenário pandêmico. Ainda destaco estudos realizados na área do gênero com ênfase na categoria mulheres e a relação direta com o movimento feminista ao qual me identifico.

Compreendemos a relevância da pesquisa para compreensão e visibilidade das questões que as professoras mães enfrentam, tendo que conciliar sua vida acadêmica com a maternidade em um contexto de muitos desafios já supracitados agravados pela pandemia e pensarmos possibilidades de enfrentamento a esse cenário, inclusive com proposição de políticas públicas que possam suprir as necessidades das mulheres mães na academia.

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Em um imaginário social, de divisão de papéis de gênero, que remete de forma histórica, concreta e simbólica as mulheres o papel de cuidado e de responsabilização pelo lar, mesmo diante dos avanços conquistados durante décadas de luta pelos movimentos de mulheres e feministas, esse papel delegado as mulheres não sucumbiu, pelo contrário foi agravado durante os quase dois últimos anos, diante da pandemia de covid-19.

Sobre o conceito de papéis de gênero Grossi (1988, p.6) afirma: Tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura é considerado papel de gênero. Estes papéis mudam de uma cultura para outra.

Na conjuntura foi reforçado esse papel delegado a todas às mulheres, reproduzindo de opressão, ganhando maior proporção quando analisamos a partir de um contexto de raça e classe. Para Gonzalez (2020): a consciência da opressão ocorre antes de tudo por causa da raça. A exploração de classe e a discriminação racial constituem as referências básicas da luta comum de homens e mulheres pertencentes a um grupo étnico subordinado. (p. 147)

De acordo com Matos (2020): “Em tempos de pandemia da covid-19, infelizmente, esses papéis podem mais uma vez atuar contra as próprias mulheres, colocando-as ainda mais em risco e vulnerabilidade”. (p. 262)

Sendo assim, o cenário pandêmico no alerta para as vulnerabilidades que as mulheres enfrentam ao exercerem o papel que a elas são delegados, seja em casa, no trabalho ou na sociedade.

No que se refere aos impactos do isolamento social, destacamos Matos (2020) que evidencia o excesso de atividades incorporados pelas mulheres durante pandemia do coronavírus:

Também sabemos que são elas que, a partir da condição de isolamento social, estão realizando, para além do trabalho remoto, os trabalhos domésticos, estão entretendo as crianças confinadas, estão cuidando da higienização e da alimentação das famílias. Nas comunidades e periferias desse país imenso, são elas que estão nas lideranças das ações de mitigação e de enfrentamento ao avanço da covid-19, estão se mobilizando e mobilizando suas comunidades para essa guerra, correndo riscos e se colocando ainda mais vulneráveis. Sabemos também que a violência doméstica deve se intensificar no contexto desse confinamento e nessas condições atuais do enfrentamento e precisamos agir agora contra esse fenômeno. (p.363)

É nesse cenário de intensificação do trabalho direcionado às mulheres que questões próprias da maternidade irão se expressar de forma mais latente, a busca pela realização da função de boa mãe, que geralmente a coloca em um patamar de detrimento dos seus próprios sentimentos em função de uma vida dedicada aos filhos, na qual não seguir esta regra tida como natural, dentro de uma perspectiva de papéis de gênero que impõe comportamentos a homens e mulheres nessa sociedade.(Grossi, 1988) é resultado de uma condenação moral por parte da sociedade, ela passa a ser vista nos termos de Badinter (1985) como:

uma mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe. Toda exceção à norma será necessariamente analisada em termos de exceções patológicas. A mãe indiferente é um desafio lançado à natureza, a a-normal por excelência (p.15).

Em tempos de pandemia a mulher não é eximida de exercer essa função super heroica materna, pelo contrário, há uma intensificação para dar conta de todas as tarefas que lhes são atribuídas, inclusive a maternidade em que destacamos o pensamento de Santos (2021) em relação a concepção de maternidade nos dias atuais:

Assim, o conceito de maternidade atual, embora se mantenha em determinados aspectos velado, ante a preconização da igualdade fático-jurídica da mulher, remonta um modelo vivo e atuante de uma mãe disponível à maternidade e ao lar em tempo integral, pronta para a reprodução e o cuidado com a prole a qualquer tempo e sem interferências externas, pois ainda agarra-se à ideia de que cabe à mulher, e somente a ela, a função de cuidadora, a despeito de que hoje a mulher tem condições de optar pela maternidade de forma consciente, o que oportuniza melhores condições para sua individualização e reintegração enquanto elemento atuante na teia social, inclusive enquanto mulher profissional, evitando que a decisão de ser mãe seja somente a ressonância de um padrão socialmente assimilado (p.32)

Percebemos que não avançamos em uma concepção mais ampla de maternidade que consiga ir além de uma individualização e responsabilização da mulher em sua totalidade, ou não questionamos o modelo de paternidade” ou a responsabilidade do Estado com o cuidado, como afirma Carrilho (2020) :

O cuidado muitas vezes é visto somente no âmbito da afetividade. O perigo é quando olhamos apenas para a dimensão afetiva, porque contribui ainda mais para o aprofundamento da invisibilização do cuidado, já que ele não tem valor como trabalho, na esfera econômica. Reconhecer o trabalho doméstico e de cuidados, numa perspectiva ampla, é valorizar esse trabalho feito pelas mulheres, o que não faz com que o cuidado deixe de ter essa dimensão afetiva (...). É necessário e urgente que ele se torne também um debate político, do espaço público. Se nós reconhecermos o trabalho de cuidado como responsável por uma fatia da economia, contribuimos para a visibilização do cuidado, para que existam políticas públicas que reconheçam que o cuidado não é só uma questão das famílias, mas também do Estado e não só das mulheres, mas também dos homens.

No que se refere ao trabalho em sua esfera pública esse passou a ocupar o espaço privado, com o chamado trabalho remoto. Em pouco tempo temos uma mudança de cenário que coloca o trabalho doméstico não remunerado no mesmo espaço físico do trabalho remunerado, os diversos papéis exercidos pelas mulheres em uma única dimensão, a do lar.

A mulher mãe trabalhadora se viu tendo que, ao mesmo tempo, tutelar os filhos, auxiliar no ensino remoto, continuar no comando dos afazeres domésticos, enquanto exercia sua atividade profissional em um regime de trabalho remoto improvisado e sem um ambiente adequado, ou seja, um híbrido de vida pessoal e profissional, sem divisão de tempo-espaço e trabalho-casa (Santos, 2021, p. 35).

Nesse sentido a pandemia do Covid 19 veio ampliar a sobrecarga das mulheres, o que Souza (2021) chama de “pandemia da sobrecarga de trabalho para mulheres”. Em muitos casos estas mulheres não conseguiram associar a carga excessiva que unificou trabalho doméstico não remunerado e o trabalho público remunerado em um único espaço e tiveram que pedir demissão ou serem demitidas.

Esse cenário adentra o espaço universitário e chega a todas as mulheres mães que ocupam a academia, seja as professoras, as alunas e as demais profissionais que ali estão, nós iremos debruçar nossa percepção em relação às professoras mães, mas não invisibilizamos a presença das demais e a sobrecarga excessiva que também chegou as mesmas.

A pandemia do Covid 19 e suas profundas transformações no cenário mundial chegou ao espaço educacional, através da lógica do trabalho remoto e consecutivamente um processo imenso de precarização da educação e dos trabalhadores e trabalhadoras inseridos/as nessa lógica. Em verdade, a pandemia do Covid 19 vem aprofundar o processo de exploração através do modelo de produção pautado na flexibilização do trabalho e seus reatamentos negativos para a classe que vive do trabalho.

O trabalho, na sociedade do capital, se descaracteriza, se destitui de seu sentido pleno, se vulgariza e se desestrutura, tornando-se sinônimo de emprego. Um emprego cada vez mais precarizado e aviltado, que não contribui para a transformação da natureza a favor do bem estar da humanidade, mas ao contrário, que cada vez mais desumaniza os sujeitos sociais. E como algo aparentemente não articulado, mas evidentemente produzido pela lógica capitalista, o mundo do trabalho combina diferentes formas de exploração (Frag, 2020, p. 226).

A precarização do trabalho não é um fenômeno exclusivo para as mulheres, porém o destaque é para as mesmas, pois a elas é associado uma dupla ou até tripla jornada de trabalho, que sempre existiu, mas que em um contexto pandêmico se acentuou.

O trabalho remoto se configura como um vetor importante para proliferação da precarização do trabalho em tempos de pandemia, de forma abrupta as/os professoras/es de maneira geral, tiveram as aulas presenciais interrompidas, tendo que se adequarem a ferramentas tecnológicas digitais interativas, para muitos desconhecidas, tiveram sua carga horária de trabalho triplicada pelo acesso integral de comunicação das/dos alunas/os e das empresas de ensino as quais estejam vinculadas/os e receberam pouco ou nenhum treinamento, instrumentalização ou suporte técnico, nem mesmo remuneração extra ou condizente para o trabalho excessivo. (Vio, 2020)

Para as mães docentes associou-se os fatores supramencionados ao papel da maternidade e do cuidado com o lar, ainda podemos destacar que a pandemia do Covid 19 e a consecutiva superexploração das mulheres em seus lares transmutados em ambiente de trabalho remoto, evidenciou o que Santos (2021) coloca como a inoperância do nosso país em relação a garantia efetiva de políticas públicas que visem a proteção à maternidade e a criança, políticas que consigam ir para além de ações pontuais, como creches, escolas, direitos garantidos em relação a proteção da

gravidez e da maternidade no mundo do trabalho, essas pautas já conquistadas e legítimas, não conseguem suprir as necessidades explicitadas em período de pandemia que desvelaram questões inquietantes e pertinentes para as mulheres trabalhadoras.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa possui um caráter qualitativo e exploratória por acreditar que esta modalidade é capaz de ajudar na interpretação da problemática a ser analisada.

Minayo (2001) ao conceituar a pesquisa qualitativa, relaciona-a aos aspectos que não podem ser quantificados. Acreditamos que esse tipo de pesquisa nos ajudará na compreensão do objetivo proposto, nos permitindo aprofundar na essência da problemática em pauta. Para a autora a pesquisa qualitativa:

Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p.14)

Na fase da pesquisa bibliográfica recorreremos a autoras e autores que já se debruçaram sobre a temática em questão, teremos como foco central as categorias: gênero, maternidade e trabalho. Para coleta de dados, utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário *on-line* aplicado às professoras de duas IES privadas da cidade de Fortaleza, as mesmas são pertencentes ao curso de serviço social.

A identidade das participantes foi ocultada de forma ética e as mesmas assinaram de forma online um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em nenhum momento essas terão suas identidades reveladas. Durante o texto iremos nos referir as mesmas através de nomes fictícios inspirado em nome de mulheres feministas que se destacam na história do movimento como militantes ou como teóricas.

Após coleta de dados, os mesmos foram organizados e sua análise expressa a seguir.

4. ANÁLISE DE DADOS

4.1 Mães e professoras de IES privadas: perfil das entrevistadas

No questionário aplicado as interlocutoras perguntamos inicialmente dados que nos revelassem o perfil das mães docentes entrevistadas. A seguir iremos expor através de quadros os principais aspectos encontrados.

Quadro 01: Perfil docentes mães de IES privada (1)

ENTREVISTADA	IDADE	RAÇA/ETNIA	Nº DE FILHOS	RENDA	MAIOR PROVIDORA DA FAMÍLIA
Ângela	38	BRANCA	01	R\$5000	NÃO
Frida	32	PARDA	01	R\$4.150	NÃO
Lélia	39	BRANCA	01	R\$6.060	NÃO
Olga	38	NEGRA	01	R\$1.500	NÃO
Saffioti	49	BRANCA	03	R\$ 4.000	SIM
Mirla	37	PARDA	01	R\$2.000	NÃO

Fonte: Elaboração da pesquisadora

A tabela acima nos revela que a maioria das mulheres entrevistadas não são responsáveis diretas pelo provimento da família, embora possuam uma renda acima da média do trabalhador brasileiro que é de R\$ 2.213,00 (Junior, 2021). A maioria se auto intitula branca e no universo do colegiado pesquisado, apenas uma professora se auto identifica como negra e percebemos no quadro acima que o seu salário é bem inferior as demais. Esse dado se relaciona de maneira geral com Censo da Educação publicado pelo Inep, em 2016, onde um total de 383.683 professores das IES, apenas 1,34% declararam-se negras ou negros; os dados ainda comprovam que as mulheres pretas com doutorado somam apenas 0,4% do corpo docente na pós-graduação em todo o Brasil (Gonçalves, 2018). Ainda em relação aos dados apresentados pela tabela acima, destaca-se o número de apenas 01 filho para maioria das entrevistadas.

Quadro 02: Perfil das condições de trabalho das mães- trabalhadoras

ENTREVISTADA	CARGA HORÁRIA SEMANAL DE TRABALHO	POSSUI REDE DE APOIO? QUEM?	CUIDA DE OUTRAS PESSOAS ALÉM DOS FILHOS/ FILHAS	HORAS DO DIA DESTINADA AOS CUIDADOS DE TERCEIROS
Ângela	ACIMA DE 40h	SIM/ MÃE	NÃO	4h
Frida	ACIMA DE 40h	SIM/ MÃE E ESPOSO	NÃO	0h
Lélia	DE 20h - 30h	NÃO	NÃO	0h
Olga	ATÉ 20h	NÃO	NÃO	17h
Saffioti	DE 30h – 40h	SIM/ MÃE E DOIS FILHOS MAIORES	NÃO	12h
Mirla	ATÉ 20h	SIM/ EMPREGADA DOMÉSTICA	SIM	12h

Fonte: Elaboração da pesquisadora

No que se refere à carga horária semanal em que as professoras destinam ao trabalho, temos uma média de 31h por semana, destacando duas docentes que afirmam ter uma carga horária acima de 40h semanais. Quatro das entrevistadas possuem rede de apoio e duas não, nesse sentido destacamos que a mãe das entrevistadas, apresenta-se como principal rede de apoio da maioria, esse aspecto nos chama atenção, pois coloca as mulheres nesse patamar de cuidado, até mesmo quando falamos em rede de apoio, são elas que se destacam majoritariamente nos cuidados.

Ainda em relação à rede de apoio destacamos o pensamento:

A disponibilidade de apoio social facilita uma maternagem responsiva, principalmente sobre condições estressantes, promovendo o desenvolvimento de um apego seguro bebê-mãe, além de afetar diretamente a criança, através do contato dela com os membros desta rede de apoio (Rapoport, 2006, p. 85)

Nem todas as mães, para além dessa pesquisa, possuem rede de apoio e isso causa situações estressantes, em especial na gestação, nos primeiros meses da maternidade e no retorno da mulher ao trabalho, dessa forma destacamos os impactos positivos a partir do trecho supracitado que a rede de apoio pode trazer para mãe, filho e sociedade.

4.2 Maternidades em tempos de covid-19

A partir dos dados coletados vamos apresentar algumas considerações acerca dos impactos da pandemia da covid-19 no exercício da maternidade das docentes entrevistadas, os primeiros dados serão destacados através de tabelas e posteriormente destacaremos algumas citações das mesmas em relação a perguntas subjetivas que fizeram parte do questionário aplicado.

Tabela 03: Perfil do trabalho docente em tempos de COVID-19

ENTREVISTA DA	TRABALHOU HOME-OFFICE DURANTE A PANDEMIA	HORAS/DIÁRIAS DESTINADAS AO TRABALHO DURANTE A PANDEMIA	SENTIU SOBRECARGA DURANTE A PANDEMIA	FLEXIBILIDADE DO TRABALHO EM RELAÇÃO AO CUMPRIMENTO DE PRAZOS DURANTE A PANDEMIA DO COVID 19	O SEU TRABALHO TEM POLÍTICAS OU AÇÕES QUE CONSIDEREM AS ESPECIFICIDADES DA MATERNIDADE
Ângela	SIM	MAIS DE 12h	SIM	NÃO	NÃO
Frida	SIM	MAIS DE 12h	SIM	NÃO	NÃO
Lélia	SIM	06h às 08h	SIM	NÃO	NÃO
Olga	SIM	06h às 08h	SIM	NÃO	NÃO
Saffioti	SIM	09h às 10h	SIM	NÃO	NÃO
Mirla	SIM	MAIS DE 12h	SIM	NÃO	NÃO

Fonte: Elaboração da pesquisadora

Todas as docentes entrevistadas participaram da modalidade de trabalho *home office*, durante o período da pandemia, uma realidade para uma parte das/dos trabalhadoras/trabalhadores em nosso país. De acordo com pesquisas 11% de pessoas ocupadas no Brasil no ano de 2020 estavam atuando nessa modalidade. (Jakvski,2021). Esse fator demanda uma maior presença das mulheres em casa e uma carga horária acima da média de trabalho, que gera uma sobrecarga nas entrevistadas, esses fatores estão aliados a uma não flexibilização do trabalho, em relação ao cumprimento de demandas e prazos por partes das empresas e a inexistência de políticas ou ações que considerem as especificidades da maternidade. Os dados coletados nos remete a pesquisa realizada com mulheres e pessoas com filhos menores que cinco anos pela Escola Nacional de Administração Pública (Enap) em parceria com o Ministério da Economia e com a Universidade de Duke (EUA) no ano de 2020, a citada pesquisa relata que os sujeitos pesquisador foram os que obtiveram perda de tempo produtivo no trabalho remoto. (Exame, 2020)

Quando indagadas o motivo da sobrecarga durante a pandemia, destacamos como principais elementos apontados pelas entrevistadas: o não cumprimento por parte da instituição da carga horária de trabalho (as aulas virtuais, invasão da vida privada, disponibilidade de 24h para *whatsapp* e telefone para atender demanda dos alunos e das instituições), ou seja, um aumento expressivo das atividades; a dificuldade em conciliar o trabalho com as atividades domésticas; pouca ou nenhuma rede apoio durante o exercício do trabalho; sobrecarga do trabalho doméstico, dentre outros aspectos que estão relacionados com a maternidade, como amamentação em livre demanda, cuidados dos filhos e acompanhamento das rotinas escolares e médicas das crianças.

Em síntese, destacamos parte da fala da entrevistada Mirla: “O trabalho, no meio disso tudo, e dentro do ambiente privado doméstico, era mecânico e extenuante. Nos prende 24h do dia. Acordar e dormir respondendo demanda de alunos pelas redes sociais se tornou corriqueiro”.

Ao questionar sobre os desafios do trabalho *home office*, os principais aspectos revelados pelas entrevistadas foram: A inexistência de uma carga horária que tenha início e fim; Conciliar as demandas da casa e do trabalho em um mesmo ambiente; Dificuldade de tempo para exercer atividades de auto cuidado; Falta de flexibilidade por parte das instituições de ensino no cumprimento de prazos; Os aspectos próprios da maternidade mais uma vez apareceram nas respostas, de acordo com as entrevistadas Olga e Mirla:

O primeiro mês foi o mais impactante, especialmente porque eu não tinha tido nenhum tipo de adaptação ao trabalho remoto. Eu não conseguia ministrar uma aula sem que minha filha chorasse, gritasse, puxasse o fio do computador e toda a demanda referente à alimentação e higiene dela, como as inúmeras demandas e exigências da docência, que ainda nos pedem produtividade! (Olga, 2022)

Conciliar os cuidados com o filho e o trabalho no mesmo ambiente. Sair e voltar diversas vezes de uma leitura ou da elaboração de aula era extremamente cansativo e bloqueador da criatividade. (Mirla, 2022)

Dentre os aspectos positivos da experiência com o trabalho *home office*, as entrevistadas apontaram: A economia do dinheiro; Melhor aproveitamento do tempo, sem deslocamentos para o trabalho; Praticidade; O fator de poder estar em isolamento

durante a pandemia; Conhecer novas metodologias de ensino-aprendizagem; Para a maternidade, destacou-se o fato de poderem estar próximas dos filhos e acompanharem seu desenvolvimento, para a entrevistada Mirla não houve nenhum aspecto.

Nenhum. Perdemos em vários sentidos. Desde a invasão do espaço privado, imaginem quão é complicado dizer pro meu filho de 2 anos que estou no quarto, dentro da casa dele, mas não estou disponível pra ele? Soma-se a isso a cobrança da constante disponibilidade dos professores, desenvolvimento precário das atividades, aprender rapidamente a lidar com todo tipo de ferramenta tecnológico, custear isso tudo e ainda por cima, ser obrigada a assinar contratos de redução salarial! (Mirla, 2022)

Em pergunta específica relacionada aos cuidados da como foi relacionar os cuidados da maternidade com o trabalho *home office* durante a pandemia do covid-19, dentre os aspectos elencados estão a dificuldade em conciliar maternidade e trabalho; a exaustão em trabalhar o dia inteiro e ter uma criança com demandas específicas e que algumas dependem somente da mãe como a amamentação; fragilidade ou inexistência de uma rede de apoio; sentimento de culpa por não conseguir da conta das demandas maternas e do trabalho. Algumas falas refletem esses aspectos:

As coisas se misturavam o tempo inteiro! A docência exige muito trabalho que vai além da sala de aula. É a elaboração das atividades, a busca por materiais, as mensagens que chegam. Fiz grupos de *WhatsApp* e me coloquei à disposição porque acho que faz parte do contexto tentar dar amparo para os estudantes. Soma-se tudo a loucura de ter que dá conta da maternidade, casa e trabalho. Eu estava o tempo inteiro trabalhando e sempre com minha filha pedindo atenção. Isso me demandou um sentimento de culpa muito grande, porque embora eu estivesse com ela o dia inteiro, eu não conseguia ter uma hora do dia em que eu consiga sentar com ela e estar só para ela, até porque eu estava 24 cansada, exausta e sem forças até pra poder chorar. (Olga)

Ainda questionamos em relação aos rebatimentos do trabalho *home office* para as mulheres mães professoras do ensino superior, a diferença do antes e depois. Para as professoras não existe uma diferença para o empregador, na verdade esses aumentaram o trabalho que muitas vezes se tornava impossível de ser cumprido com eficiência; Ainda destacou-se a presença de transtornos como a ansiedade e o medo do covid-19, o aumento do adoecimento físico e mental; a mudança na organização do trabalho docente, alterando práticas cotidianas de trabalho e lazer; não distinção entre o público e o privado. Para a entrevistada Mirla:

O cenário *home office* imposto pelas condições pandêmicas impactou a humanidade, sobretudo, todas e todos aqueles que sobrevivem do trabalho. Colocou em evidência o trabalho precarizado e feito em condições adversas, assim como evidenciou também a fragilidade do atendimento à saúde mental das trabalhadoras e trabalhadores de modo geral, expondo as mais complexas contradições do mundo trabalho implicando especificamente na vida das mulheres. Transformar o ambiente privado em espaço de trabalho é inviável. Se trabalhando fora já é difícil, imagina conciliar casa, filho, marido, trabalho, tudo isso dentro do mesmo espaço. (2022)

As falas referendam o que foi apontado na primeira parte deste artigo científico que expõe o aumento do trabalho para mulheres durante pandemia do covid 19, a precarização da docência no ensino superior privado, o não reconhecimento das especificidades das maternidades por partes das instituições e também do Estado, por não existirem políticas públicas e nem ações privadas nesse sentido, além do adoecimento dessas mulheres fruto de uma sobrecarga do trabalho em seus espaços ocupacionais e do trabalho doméstico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa podemos evidenciar que a pandemia do covid-19 trouxe o agravamento de demandas que já existiam quando nos referimos ao exercício do trabalho docente por parte de mulheres mães, trazendo outras questões próprias de um cenário pandêmico.

Em um primeiro momento tivemos acesso a um perfil das entrevistadas, ao qual percebemos a sobrecarga da carga horária de trabalho que as mesmas enfrentam nessa conjuntura, associado aos cuidados de seus filhos, algumas vezes sem o apoio de uma rede, ou com fragilidade da mesma. No perfil percebemos que as instituições durante a pandemia não flexibilizaram o trabalho para as mulheres mães, pelo contrário intensificou o mesmo com metas e atividades muitas vezes impossíveis de serem cumpridas, além da inexistência de políticas direcionadas a maternidade.

A maternidade na vida das mesmas durante a pandemia traz um sentimento de culpa em relação aos filhos por não conseguirem conciliar as duas questões, mulheres trabalham amamentando, com seus filhos solicitando atenção e demandas próprias de cuidados referentes ao desenvolvimento de uma criança, enquanto o trabalho exige uma dedicação de 24 horas em um cenário pandêmico associado ao trabalho remoto.

Dentre os desafios encontrados pelas mães professoras estão unir seu trabalho com a maternidade, cansaço físico e mental, provenientes de uma rotina própria do trabalho em *home-office*, essas mulheres não possuem tempo para atividades destinadas para si e vão adoecendo com a perda de suas identidades.

Dos aspectos coletados e apresentados chegamos a reflexão de que um discurso que romantiza o trabalho remoto, em verdade, jamais estará levando em consideração as características e necessidades das mulheres mães, que nunca conseguirão exercer com maestria determinadas questões, pois estão com uma carga excessiva proveniente de uma dupla jornada de trabalho, que nessa conjuntura não dissocia o público do privado, trazendo rebatimentos em sua maioria negativos a essas mulheres.

Sem flexibilização das demandas do trabalho, rede de apoio, políticas públicas e privadas essas mulheres estarão em seus lares adoecendo, se afastando do trabalho em sua esfera pública e não tendo tempo em suas rotinas para si, isso perpassa o auto cuidado e o desenvolvimento intelectual e profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BADINTER, Elisabeth. O mito do amor materno: Um amor conquistado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

FARAG, Eblin; FILHO. Antonio Gonçalves; MOURA Rivânia. Trabalho docente nas universidades públicas: o trabalho e o ensino remotos como precarização, em tempos de “nova” normalidade. In: Trabalho e os limites do capitalismo: novas facetas do neoliberalismo. 1^o Edição Eletrônica. Uberlândia / Minas Gerais. Navegando Publicações. 2020.

RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. Lélia González: por um feminismo afrolatinoamericano— ensaios, intervenções e diálogos. 2020.

BIANCONI, Giuliana et al. Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. São Paulo, Gênero e Número, 2020.

Grossi, Miriam Pillar. "Identidade de gênero e sexualidade." (1998).

GONÇALVES, Renata. A invisibilidade das mulheres negras no ensino superior. Poíesis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, [S.l.], v. 12, n. 22, p. 350-367, dez. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2S5x3p8>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

Home office impacta mais servidoras mulheres, diz pesquisa. Exame. 2020 Disponível em: < <https://exame.com/carreira/home-office-impacta-mais-servidoras-mulheres-diz-pesquisa/>> Acesso em: 19 jan de 2022.

IAMAMOTO, M. V E CARVALHO, R. de. A Questão Social no Capitalismo. In: Revista Temporalis, ano 2, nº 3, Brasília:

ABEPSS, Grafile, 2001.

JAKVSKI, André. Brasileiros querem manter home office, mas temem excesso de trabalho, diz estudo. CNN Brasil. 2021. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/business/maioria-aprova-o-home-office-mas-ha-preocupacao-com-excesso-de-trabalho/#:~:text=Dentre%20os%2083%20milh%C3%B5es%20de,total%20ocupada%20e%20n%C3%A3o%20afastada>> Acesso em: 18/01/2022.

JUNIOR, Marcelo Casal. Renda média dos brasileiros é a menor dos últimos nove anos. CUT - CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. 2021. Disponível em: <<https://www.cut.org.br/noticias/renda-media-dos-brasileiros-e-a-menor-dos-ultimos-nove-anos-a514L>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2022.

MACHADO, Cecilia; PINHO NETO, Valdemar Rodrigues de. The labor market consequences of maternity leave policies: evidence from Brazil. 2016.

MATOS, Marlise. Pandemia covid-19 e as mulheres. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. Cientistas sociais e o coronavírus. 2020.

PEDUZZI, Pedro. Mapa-do-ensino-superior-aponta-para-maioria-feminina-e-branca. Brasília, 21 de maio de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/noticia/2020-05/mapa-do-ensino-superior-aponta-para-maioria-feminina-e-branca> Acesso em: 09/10/2021 às 18:58h

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, César Augusto. Apoio social e experiência da maternidade. Journal of Human Growth and Development, v. 16, n. 1, p. 85-96, 2006.

SAID, Tabata. Pesquisadoras revelam os desafios das mulheres para fazer ciência, 10 de abril de 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/pesquisadoras-revelam-os-desafios-das-mulheres-para-fazer-ciencia/> Acesso em: 09/10/2021 às 21:25h

SANTOS, Juliana Bernardo Silva et al. A vivência da maternidade em meio à pandemia. Global Academic Nursing Journal, v. 2, n. Spe. 1, p. e95-e95, 2021.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome da Pesquisa- **DOCÊNCIA E MATERNIDADE: uma análise da precarização do trabalho e vida de professoras do ensino superior em tempos de pandemia.**

Autoria- Msa. Irinéia Raquel Vieira

Universidade de Origem- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

Período da Pesquisa- 25/09/2021 a 02/01/2021.

Você está sendo convidado/a a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento contém abaixo todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Objetivo da Pesquisa- Analisar o trabalho de professoras mães inseridas em Instituição de ensino superior privada de Fortaleza durante a pandemia de covid -19.

Metodologia- Estudo qualitativo, com abordagem bibliográfica, documental e de campo, utilizando como recurso para coleta de dados a aplicação de questionário semiestruturado online e linguagem acessível à compreensão do/a participante voluntário/a.

Tipo de Participação- A participação na pesquisa tem caráter voluntário/a, sem remuneração e nenhum tipo de recompensa financeira. O/A participante voluntário/a NÃO será obrigado/a a responder o que não queira e/ou se sinta a vontade/confiante para responder. O/A participante voluntário/a da pesquisa tem a liberdade de desistir

ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação, sem penalização nenhuma e sem prejuízo.

Benefícios: O/A participante voluntário/a da pesquisa contribuirá para acrescentar profundidade ao debate e à literatura referentes ao trabalho de mulheres professoras de IES.

Medidas éticas: Os dados obtidos durante a pesquisa serão mantidos em sigilo pela pesquisadora, assegurando ao/a participante voluntário/a a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

Divulgação da Pesquisa: Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas (livros, artigos, anais de congressos, etc.).

Termos Gerais: Durante a realização da pesquisa, serão obtidas as assinaturas dos participantes e da pesquisadora, também, constarão em todas as páginas do TCLE as rubricas da pesquisadora e do/a participante da pesquisa. Caso o/a participante da pesquisa desejar, poderá pessoalmente, ou por meio de telefone, entrar em contato com a pesquisadora responsável para tomar conhecimento dos resultados parciais e finais desta pesquisa. Será entregue uma cópia do TCLE para o/a participante voluntário/a.

QUESTIONÁRIO

1.PERFIL

NOME (OPCIONAL):

IDADE:

RAÇA/ETNIA:

NÚMERO DE FILHOS:

RENDA:

VOCÊ É A MAIOR PROVEDORA FINANCEIRAMENTE DA SUA FAMÍLIA? () SIM ()
NÃO

CARGA HORÁRIA DE TRABALHO:

POSSUI REDE DE APOIO: () SIM () NÃO QUEM?

CUIDA DE OUTRAS PESSOAS ALÉM DOS FILHOS? () SIM () NÃO

QUEM? _____

QUANTAS HORAS DO DIA VOCÊ DESTINA AOS CUIDADOS DE TERCEIROS? -

2. MATERNIDADE EM TEMPOS DE COVID -19

VOCÊ TRABALHOU HOME-OFFICE DURANTE A PANDEMIA?

() SIM () NÃO

QUANTA HORAS VOCÊ DESTINOU AO TRABALHO DURANTE A PANDEMIA?
2H ÀS 05H () 06 ÀS 08H () 09H ÀS 10H () 11H ÀS 12H () MAIS DE 12H ()

DURANTE A PANDEMIA VOCÊ CONTOU COM REDE DE APOIO?

() SIM () NÃO

VOCÊ SE SENTIU SOBRECARRREGADA DURANTE A PANDEMIA DO COVID 19?

() SIM () NÃO

POR QUÊ?

QUAIS OS PRINCIPAIS DESAFIOS PARA VOCÊ DO TRABALHO HOME OFFICE?

QUAIS OS PONTOS POSITIVOS DO TRABALHO HOME OFFICE PARA VOCÊ?

COMO FOI RELACIONAR OS CUIDADOS DA MATERNIDADE COM O TRABALHO HOME OFFICE DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19?

EXISTIU FLEXIBILIDADE DO SEU TRABALHO EM RELAÇÃO AO CUMPRIMENTO DE PRAZOS DURANTE PANDEMIA DO COVID 19?

() SIM () NÃO

VOCÊ CONSIDERA QUE O SEU TRABALHO TEM POLÍTICAS OU AÇÕES QUE CONSIDEREM AS ESPECIFICIDADES DA MATERNIDADE? JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA.
